



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE HISTÓRIA



Glaucia Vilhalva

Narrando histórias de Mulheres idosas do SCFVI -Anastácio

AQUIDAUANA
2024



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE HISTÓRIA



Gláucia Vilhalva

Narrando histórias de Mulheres idosas do SCFVI -Anastácio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes.

AQUIDAUANA
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

Glaucia Vilhalva

Narrando histórias de Mulheres idosas do SCFVI -Anastácio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes.

Resultado: _____

Aquidauana, MS, ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes
UFMS

Membro:

Membro:

Resumo

Este trabalho utiliza a metodologia da história oral para investigar a vida das mulheres idosas, analisando como as normas e expectativas de gênero desde a infância moldam suas identidades e comportamentos. A pesquisa foca na marginalização e invisibilidade que essas mulheres enfrentam na velhice, muitas vezes levando a solidão, depressão e isolamento. Através de entrevistas realizadas com mulheres idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos (SCFVI) em Anastácio, o estudo busca resgatar e valorizar suas histórias pessoais. O objetivo é compartilhar suas experiências e memórias, permitindo a revisão de traumas passados e a melhoria da autoestima. Iniciada no segundo semestre de 2023, a pesquisa envolveu 6 entrevistas com mulheres entre 60 e 94 anos, algumas das quais foram incluídas no grupo por meio do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). As entrevistas, registradas com a autorização das participantes, revelaram como suas narrativas oferecem novos significados às suas vidas e contribuem para a desconstrução de mitos sobre a velhice. Através dessas histórias, a pesquisa visa promover uma mudança na percepção societal sobre as mulheres idosas e oferecer uma nova perspectiva sobre a velhice.

Palavras-chave: HISTÓRIA ORAL, GÊNERO E VELHICE.

Introdução

Desde o berço familiar, a mulher é instruída sobre como deve ser, como se vestir e o modo de se comportar, distinguindo-se da figura masculina. Qualquer comportamento fora do comum pode resultar em sérios problemas, levando a julgamentos injustos e desnecessários. Isso ocasiona a perda de identidade e a obediência a paradigmas impostos pela sociedade e seu contexto histórico. O foco deste trabalho será a mulher idosa, que, desde o início de sua vida, desempenha importantes papéis que levam à tomada de decisões que redirecionam sua vida na sociedade, na política ou na cultura a qual está inserida.

Contudo, na velhice, muitas vezes, essas mulheres passam a ter suas vozes e histórias obliteradas no interior da própria família, enfrentando situações de solidão, depressão e falta de sociabilidade. Nesse sentido, busco, neste artigo, ouvir as mulheres idosas para que suas histórias possam permitir, a partir da rememoração, a revisão de velhos traumas e a melhoria da autoestima por meio da partilha de suas vozes com outros sujeitos. Felizmente, o etarismo vem sendo criticado na sociedade contemporânea, e a mulher idosa tem seu papel modificado a cada olhar, dependendo de quem o fala ou interpreta. Nesse aspecto, buscarei nas entrevistas que serão realizadas dar poder de fala às mulheres que, durante toda a sua vida, lhes foi retirada, “permitindo-nos refletir sobre suas identidades e trajetórias, haja vista que as narrativas não trouxeram apenas lembranças de acontecimentos, reelaboraram e reconstruíram significados para as suas vidas à luz do tempo presente”. (Barros, J. C.; Barros, M. M. I. de 2014, p. 339). A mulher idosa em nossa sociedade hoje enfrenta muitas dificuldades, e mais ainda sendo mulher e principalmente na terceira idade, diante de tantos acontecimentos que envolvem essas personagens é de grande importância retratar, e elucidar essa temática que possui um papel de grande valia em nossa comunidade. A partir dessas narrativas, encontraremos clareza ao objetivo proposto.

A pesquisa do pré-projeto iniciou-se no segundo semestre de 2023, quando foram delimitados os objetivos que serão abordados no trabalho final (trabalho de conclusão de curso). As entrevistas com as mulheres idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos (SCFVI) em Anastácio tiveram início no primeiro semestre de 2024, em conversa com a diretora do local a qual autorizou que as entrevistas acontecessem, e em contato tanto com a professora das “meninas” como são carinhosamente chamadas, e com elas mesmas, foi possível seguir com o roteiro sem nenhum problema. “Consistiu em fazer uma reflexão sobre a

identidade de idosos longevos com o intuito de desconstruir mitos e crenças que fornecem sustentação para o processo de exclusão e marginalização dessas pessoas e efetivar, a partir de suas próprias falas, a mudança de mentalidade da sociedade em relação à velhice” (Marinho, M. dos S. & Reis, L. A. dos 2016, p. 147). E partindo das lembranças dessas idosas foi identificado diversos traumas, alegrias, saudades, o que trouxe à tona cicatrizes, marcas que ainda possuem espaço de lembrança, principalmente pela forma que a sociedade tratou cada uma dessas mulheres de acordo com o seu tempo e espaço de vivência, e através desta pesquisa procuro destacar o processo vivenciado por essas mulheres idosas, como protagonistas de sua própria história.

O local onde foram realizadas as entrevistas conta com cerca de 50 idosas, com idades entre 60 e 94 anos. Algumas mulheres, com idade de 58 e 59 anos, fazem parte do grupo por terem sido deslocadas pelo CRAS (Centro de Referência a Assistência Social), essa unidade pública estatal brasileira fornece vários serviços de proteção social que envolva vulnerabilidade e risco social, tendo como objetivos principais fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e combate de situações de risco, visa por meio de suas ações melhorar a condição de vida de todas as pessoas atendidas. Essas mulheres, muitas vezes, têm depressão ou algum outro tipo de problema, seja na saúde ou na família, e esse período que passam com outras mulheres as ajuda a melhorar e se recuperar gradativamente, assim desenvolvem suas habilidades e capacidades pessoais.

Para esse trabalho realizei entrevista com 6 mulheres, sendo todas gravadas com a autorização de cada uma das participantes, e elas só respondiam, se sentissem confortáveis. Algumas contavam suas histórias com muita tranquilidade, com momentos de alegria, tristeza, saudade, e até além do que era perguntado, não se sentiam ofendidas caso aprofundasse no tema, não tinham do que se envergonhar, algumas vezes com muito orgulho da onde chegaram e de tudo que conquistaram, felizes com as realizações dos filhos, buscando alternativas para os outros filhos que não tomaram o rumo que esperavam, enfim, a entrevista tomava uma profundidade nos detalhes que com as outras mais reprimidas não era possível extrair com tanta clareza se sentiam mais acudadas em se abrir e contar com mais profundidade suas experiências de vida e de reviver velhos traumas.

A sociedade tem em suas raízes preconceitos fundados a partir de grupos predominantes desde o início de sua história, onde, principalmente, a figura feminina sofre em maiores aspectos, tornando-a como não merecedora de seu devido papel na sociedade, muito menos como agente transformadora da sua comunidade. “É no século XIX que se inicia

gradativamente a criação de categorizações etárias, as quais buscavam diferenciar pessoas e grupos quanto a hábitos, funções, capacidades, modos de ser e de se relacionar” (I. I. de L. Argimon; A. Pizzinato; D. D. Ecker; D. Lindern & S. Torres 2011, p. 82). É a partir desse período que começam a surgir os desdobramentos principalmente em relação às categorizações de idade, onde inicialmente a única função da mulher era cuidar da casa e dos filhos, o homem se ocupava de prover tudo para dentro do lar, nisso a mulher não desenvolvia uma carreira e muito menos independência, no entanto o homem poderia adentrar ao mercado de trabalho e se especializar na área que desejasse. Com o passar dos anos, a evolução, as manifestações pelo direito das mulheres, tudo foi mudando e abrindo caminhos para um mundo novo tanto para as jovens, como as mulheres idosas, o que será o enfoque deste trabalho.

Foi empregada nas entrevistas realizadas com as idosas a metodologia de entrevistas semiestruturadas, onde, a partir de um roteiro, deu-se início à conversa com cada uma das participantes. Ao longo de alguns diálogos, notava-se a dimensão de como as histórias contadas por essas senhoras abriam-se em leques de memórias que foram fundamentais para a concretização deste artigo. Como indica Bosi:

Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis (Bosi, 2003b, p. 65). Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a quotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha. Nós, então, compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente, e ela se torna, para nós, uma verdadeira matriz de projetos. (BOSI,2017,p.02)

A partir dos trabalhos utilizados como fontes de referência posso citar Ecléa Bosi, que foi de suma importância para as entrevistas, captando as memórias que marcaram toda a trajetória de vida dessas mulheres. Principal pesquisadora da área sobre memórias de velhos, destaca no trecho de sua pesquisa sobre a beleza meditativa do rememorar da testemunha, partindo do princípio de onde tudo acontece, através da memória dessas personagens é possível retratar o passado, sobre a fala de cada uma identificar como toda a história se desenvolveu, construindo assim uma ponte entre o passado e o presente, pessoas com experiências de vida, traumas passados, que ao adentrar no presente, se sujeitam as mudanças que ocorreram no futuro, tentando de alguma forma reparar o passado.

Ao refletir sobre a história de vida desses sujeitos, é possível perceber a leitura do presente: o primeiro amor, o nascimento dos filhos, o casamento, as tradições que foram criadas

em família e que permeiam de geração em geração. Os sentimentos que cada uma dessas lembranças traz à tona refletem o quanto a história do passado é possível observar a partir do momento presente, ficando somente na memória as lembranças de uma vida onde se tinha reconhecimento e igualdade. A velhice ainda é um problema na sociedade atual, como aponta Salgado, Carmen Delia Sánchez (2002) quando afirma que:

“As mulheres idosas enfrentam uma problemática muito particular na sociedade atual, o que as coloca em uma posição de fragilidade e de vulnerabilidade. Diferem de outros grupos de idade quanto ao nível de educação formal (escolaridade), tendo normalmente menos anos completos de escola do que outros grupos. Geralmente, possuem menor qualificação profissional para conseguir emprego do que os grupos mais jovens e do que os grupos de homens idosos. Diferem em relação ao estado civil, sendo na sua maioria viúvas e, portanto, muitas vezes chefes de família.”(SANCHES, 2002, p.03)

A desvalorização na velhice é notável, principalmente por parte dos filhos que, ao saírem de casa para constituir suas próprias famílias, esquecem que suas mães também foram jovens um dia. Muitas dessas mulheres são abandonadas em asilos, enquanto outras preferem morar sozinhas para não incomodar ninguém. Isso resulta em solidão e depressão, que acarretam doenças físicas e mentais.

Em conversa com as idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, a maioria delas mora sozinha ou com um filho solteiro, ou raramente o marido ainda é vivo. As que moram sozinhas são dependentes da aposentadoria e, como necessitam de auxílio, em sua visão, os filhos, com as suas obrigações cotidianas, se veem como um fardo, onde a rejeição em si aumenta cada vez mais. Assim, acabam pedindo ajuda a terceiros, onde caem em golpes e passam necessidade. “Não se dá compensação, reconhecimento ou direito à aposentadoria a mulheres cujo trabalho tenha sido primordialmente doméstico; devido à discriminação sexual, as mulheres ganham menos e, por esta razão, as aposentadorias são mais baixas; caso decidam voltar a trabalhar, não são admitidas por falta de experiência recente ou pela idade; muitas não têm direito à pensão de seus maridos por serem muito jovens.” (C. D. S. Salgado, 2002, p. 14). Com essa falta de reconhecimento, onde a maioria dessas mulheres vivem de salário-mínimo e muitas vezes passam necessidade pois sustentam a casa sozinha com o salário da aposentadoria sendo essas viúvas ou solteiras, pois pedir ajuda aos filhos pode até parecer vergonhoso em determinados casos.

A ociosidade pode ser um grande problema também na velhice, onde a pessoa se sente incapaz, sem serventia a sociedade a qual está inserida, como afirma Peixoto:

“A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer. Assim, a representação de si é como um jogo de espelhos que reflete, através da representação do outro, a imagem que cada um tem de si. (PEIXOTO, 1997, p. 156, v. 5, n. 1)

A ideia de inutilidade na velhice e conseqüentemente a decadência física, leva essas idosas ao se sentirem inferiores, como se agora com os filhos criados, servisse somente para cuidar dos netos, sempre que eles solicitassem e sem pestanejar, mas hoje as idosas tem se priorizado mais, agregando ao seu dia a dia mais afazeres, o autocuidado, maratonas esportivas, desfiles, festivais, se posicionando a frente de sua geração. É uma conquista para todas essas mulheres idosas, pois cada vez mais é realizado eventos com base nelas, essa luta é de todos e principalmente delas, pois almejam continuar escrevendo sua história, não com base no passado, mas criando memórias e deixando um legado que repercutira para sempre, como afirma Ecléa Bosi, por que lutar pelos velhos:

“Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito - é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis porque, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje.” (BOSI, 1979, p.8)

A importância de se falar e lutar pelos idosos, vai além do imaginário, são as pessoas que nos antecederam, que preparam o futuro para a próxima geração, neles está descrita toda uma vida, em seus cabelos grisalhos, em sua pele envelhecida, a mente e o coração marcados pelas lembranças e acontecimentos, impossível não retratar as suas histórias e dar voz a esses sujeitos que fizeram e fazem tanto pela sociedade mesmo após a sua partida. Dessa forma, serão apresentadas as entrevistas que foram realizadas, recortadas em segmentos, a saber, a sociabilidade, família, a infância, enfim, abordando temas que precisam ser revistos sobre a visão da sociedade em geral.

Desenvolvimento

Na organização deste estudo, é importante entender as vivências e percepções das mulheres idosas em suas falas narradas em cada entrevista, e seu olhar ao longo da vida em cada trajeto percorrido, e as transformações que ocorreram na sociedade. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as idosas do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para idosos (SCFVI) em Anastácio.

Foram realizadas as entrevistas com um grupo de 6 mulheres idosas, com idades entre 60 e 94 anos, que frequentam semanalmente o SCFVI na cidade de Anastácio. As que participaram da entrevista, foram selecionadas com base na disponibilidade e no interesse em compartilhar suas histórias. As entrevistas ocorreram em uma sala tranquila e organizada, o que proporcionou conforto e confiança as entrevistadas. Cada sessão teve a duração média de 15 a 20 minutos, seguindo um roteiro semiestruturado, dando liberdade de explorar outros temas caso fosse preciso.

As participantes dessa entrevista foram:

Nome	Cleonice	Darcy	Adna	Emilia	Iracema	Ramona
Idade	76 anos	81 anos	61 anos	70 anos	65 anos	94 anos
Estado Civil	casada	solteira	casada	viúva	solteira	viúva
Filhos	4 filhos	2 filhas	1 filho	3 filhos	2 filhos	15 filhos
Escolaridade	Fundamental Incompleto 8º	Professora	Fundamental Incompleto 6º	Fundamental Incompleto 3º	Fundamental Incompleto 4º	Analfabeta

Cada uma delas contou suas experiências de vida de forma única e valiosa, extraindo histórias de muito aprendizado de como foi envelhecer em nossa sociedade, com as lembranças cheias de riqueza. A seguir serão apresentados os temas que emergiram durante os relatos, e como essas idosas lidam com essas transformações no dia a dia, não aceitando os paradigmas impostos pela sociedade.

Sociabilidade e Solidão

Um tema atual e muito discutido é a solidão na terceira idade, especialmente devido ao fato de que os homens vivem menos que as mulheres. Muitas mulheres acabam ficando viúvas cedo, como aponta C. D. S. Salgado (2002, p. 8): "As mulheres vivem, em média, sete anos mais do que os homens.... Outra característica deste grupo populacional é que existe uma maior proporção de viúvas do que em qualquer outra faixa etária". Isso leva muitas a ficarem sozinhas por muitos anos, sem voltarem a se relacionar com outras pessoas. Os filhos frequentemente levam essas mulheres para morar consigo por precaução, mas a maioria delas preferem morar sozinhas pela independência e liberdade, como é o caso da dona Ramona, de 94 anos, que mora sozinha e cujo filho vai apenas à noite para fazer-lhe companhia: "*Ele não mora lá..., mas toda noite ele está lá pra pousar comigo*". (Ramona); continua, Dona Ramona destaca que faz tudo sozinha:

"Eu vou pra toda parte, e minha cabeça é normal..., eu vou no mercado e volto, não tenho preguiça" (Ramona. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 15/05/2024, Anastácio - MS)

Esse relato mostra a velhice como uma fase de realização pessoal para dona Ramona, mesmo já sendo avançada em idade prefere ser independente, ter o controle de sua vida, fazer o que gosta, mesmo tendo algumas limitações, aprecia ir ao centro de convivência dos idosos, como ela relata:

"Aqui é o melhor dia da minha vida..., se fosse todo dia pra mim seria bom..., ainda hoje meu filho falou como a mãe ta contando o dia dela ir na aula, mas quando eu vejo que a senhora ta numa alegria, mas pra mim é a coisa melhor do mundo, porque aqui você não pensa em nada que não presta...". (Ramona. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 15/05/2024, Anastácio - MS)

Lá, ela encontra as amigas, conversa e conhece pessoas novas, agindo indiferente aos conceitos que a sociedade impõe, vivendo feliz e plenamente aos 94 anos de idade, toda a sua história de vida contribui grandemente com a sociedade, a qual veio de um lar sem muita riqueza, poucas oportunidades de estudo por ser oriunda da roça não viu nos estudos que teria uma melhora de vida, mas aos filhos providenciou educação de qualidade, transformando a realidade deles para

que fosse diferente da qual ela viveu. Começou a frequentar o centro de convivência dos idosos logo que completou 60 anos e não parou mais, toda semana fielmente se desloca até o local, foi o que ajudou a manter sua mente e corpo íntegro, hoje ela só tem a agradecer, mesmo que a trajetória foi difícil, permanece contente e feliz, ama estar em sua própria companhia e da família, com dona Ramona não tem tempo “ruim”.

Por outro lado, a dona Cleonice enfrentou mais dificuldades com a perda precoce de seu marido, principalmente porque seus filhos já tinham construído suas próprias famílias:

"Depois que ele faleceu..., tive começo de depressão porque fiquei sozinha..., e uma ansiedade muito grande, porque de dia você vai na farmácia, no supermercado, você vai a um lugar, conversa com uma pessoa, conversa com outra e o dia passa, mas quando chega de noite é a pior hora que tem, é a noite, você fica sozinha...". (Cleonice. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 15/05/2024, Anastácio - MS)

Para ela, foi difícil enfrentar a solidão na velhice, sem ter ninguém para lhe fazer companhia. A convivência com o falecido marido a mantinha na rotina, em seus afazeres cotidianos, com a perda do marido acarretou sérios problemas de saúde, levando na ser mais uma na estatística que perdeu o companheiro e tendo de enfrentar a solidão na etapa da vida que todos a planejam estar sossegados ao lado da pessoa amada, aproveitando a melhor fase da vida que é a terceira idade, onde as preocupações não são mais as mesmas de quando se é jovem, a rotina é mais tranquila, no entanto, dona Cleonice teve que reaprender a viver sozinha, em sua própria companhia, ser independente e forte, mesmo tendo a opção de casar novamente, prefere viver seus dias desfrutando da liberdade como viúva que lhe foi imposta, sendo um exemplo de força para as próximas gerações.

Apesar dessas mulheres serem livres para se casar novamente, muitas optam por ficarem sozinhas, preferindo evitar reviver situações difíceis do passado ou por terem outras prioridades, como no caso da dona Iracema:

“Não tem nem intenção de “casar”, porque a gente tem a mãe da gente, tem as netas, tem os filhos também, e outra pessoa na casa da gente sem ser o pai dos filhos é só pra ficar com chatice, e a gente não quer que fique com chatice dos filhos da gente” (Iracema. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 26/06/2024, Anastácio - MS)

Fica notável a preocupação que dona Iracema tem em relação aos filhos ao pensar em se relacionar novamente e colocar uma pessoa desconhecida no seu seio familiar, o cuidado com a mãe já em idade avançada, todos esses esforços em deixar sua família feliz acaba esquecendo de si mesma e realizando somente a vontade de quem está em sua volta, e essa

negligência e falta de auto cuidado é prejudicial à saúde tanto física como mental de dona Iracema, como muitas outras mulheres que enfrentam essa mesma situação, preferem continuar vivendo suas vidas agradando todo mundo, e se deixando de lado, vivendo com tristeza, sentimentos guardados, é perceptível em sua fala a saudade dos tempos de casada, pois não era de sua vontade o desfecho do casamento. É possível observar que ela se imaginava em sua velhice tranquila, confortável ao lado do marido, como destaca:

“O pai dos meus filhos queria divórcia eu não achava certo, ... lá no começo a gente acha que isso não pode acontecer, mas tem que acontecer, não dá certo, não dá certo, cada um procura seu lugar, ... eu lutando pra ver se ele voltava pra casa, mas ele não quis, ... porque existe sim, existe sim que as coisas dão certo até o fim, porque eu já vi muitas pessoas dar certo até o fim” (Iracema. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 26/06/2024, Anastácio - MS)

Em várias partes da entrevista foi notório como o divórcio não estava em seus planos, depois de 20 anos de casada viu-se morando com a mãe, ajudando a cuidar dos netos, a forma como pretendia envelhecer não saiu como o planejado, o seu círculo de convivência restringiu-se a cuidados médicos, vida rotineira dentro de casa, uma mãe dependente dela, porém quando iniciou sua jornada no SCFVI em Anastácio, em companhia de outras mulheres que de alguma forma enfrentam a mesma situação, foi possível aliviar a carga emocional que muitas passam em silêncio, sem apoio, por sorte programas como esse disponibilizam psicólogas que fazem acompanhamentos com essas mulheres, mudando seu modo de pensar e deixando seus dias mais alegres e as tristezas e arrependimentos parecem não existir.

Dona Cleonice e as outras mulheres passam períodos no centro de convivência dos idosos, onde fazem novas amizades e aprendem novas habilidades, como o bordado, artesanato. Esse ambiente ajuda na cura da depressão e a ansiedade, proporcionando momentos de diversão e sorrisos ao encontrarem amigas e funcionárias do SCFVI em Anastácio. Muitas também frequentam a igreja em busca de paz espiritual e desfilam juntas nos eventos de aniversário da cidade, mostrando o melhor da terceira idade. A imagem da velhinha de bengala não combina mais com as "jovens" senhoras da atualidade.

VELHICE

A velhice é uma fase natural do ciclo de vida humano, marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais. Historicamente, essa etapa tem sido vista de maneiras diversas, variando de um período de sabedoria acumulada a um tempo de declínio. Hoje, discutir a velhice é mais

relevante do que nunca, especialmente em um contexto de aumento da expectativa de vida global. Com esse crescimento, surgem tanto desafios, como problemas de saúde e isolamento social, quanto oportunidades, como a reflexão e o fortalecimento dos laços familiares.

As idosas entrevistadas responderam à pergunta de como elas se entendem como uma pessoa da terceira idade? De que forma a velhice afetou a relação com a família, as amigas, o casamento, o seu dia a dia, enfim, nas perspectivas dessas senhoras podemos observar e compreender como com o andar dos anos, as modificações não somente no corpo, mas ao nosso redor sofrem transformações que acarretam experiências e histórias que marcam uma vida toda.

A velhice para a dona Emilia tem sido vivida com alegria e muito esperança, por frequentar uma determinada igreja onde não é permitido pintar os cabelos, nem passar maquiagem, para ela isso não é problema, pois vê em seus cabelos os traços dos anos que se passaram e se recorda de sua falecida mãe:

“Eu via o cabelo da minha mãe penteado, e falava um dia vou ficar assim..., e até hoje eu nem pinto meu cabelo, mas esse dia que fui fazer um remédio para parar de cair meu cabelo com folha de abacate, ficou todo vermelho, lavei até com sabão em pó para sair o vermelho” (Emilia. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio – MS)

E afirma não ter medo de envelhecer:

“Nem de envelhecer, não tenho medo de nada, e sou bastante inteligente..., uma das coisas que vou fazer assim peço pra Deus, alguma coisa que vou fazer falo com ele e ele me da” (Emilia. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio - MS)

Mesmo não tendo medo de envelhecer, sente muita falta dos filhos, do marido que morreu precocemente assassinado, e após a perda preferiu não se casar mais, voltou a trabalhar como diarista para sustentar os filhos, e com o passar dos anos eles se formaram e foram constituir suas famílias. Dona Emilia permaneceu fazendo suas obrigações diariamente, agora aposentada e morando sozinha, vai a igreja e ao centro de convivência dos idosos, cuida dos netos sempre que preciso. Ainda que certas decisões a tenha trazido até onde se encontra agora, segue cumprindo seu papel na sociedade, a saúde em perfeito estado, suas memórias intactas, em seus traços é visível o passar dos anos, pois teve que ser forte desde muito jovem, trabalhar e cuidar dos filhos ao mesmo tempo, quase não tendo tempo para si mesma, agora ao envelhecer

consegue desfrutar da vida, e passar suas experiências e aprendizados as futuras gerações, dessa forma segue contribuindo com a sociedade e sendo um modelo a ser seguido.

Dona Adna também aposentada teve de enfrentar muitas dificuldades durante a vida, e superar grandes obstáculos por conta da deficiência, mas não a impediu de realizar suas atividades cotidianas, porém sente dificuldades em aprender por ser decorrente da paralisia cerebral que acarretou quando tinha 1 ano de idade, ainda que tenha preferências sociais vive tranquilamente ao lado de seu esposo. Mas em relação a velhice teve muito medo de envelhecer como relatou:

“Eu tinha medo de envelhecer, eu tinha medo, sabe, eu falava assim, a minha mãe faleceu e meu pai também, e quando meu pai e minha mãe falecer como que eu vou ficar, se eles que me davam de comer...” (Adna. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio – MS)

Pois tinha medo de ficar sozinha, de como viveria sem alguém para lhe orientar, para proteger, porém com a ajuda do atual marido descobriu que tinha diversos direitos, os quais ninguém poderia lhe retirar, adquiriu sua carteirinha, sabe onde é seu lugar de fala, e hoje não tem mais medo de envelhecer, vai ao banco, ao mercado e sempre com uma companhia, desfrutando dos momentos com as amigas no centro de convivência dos idosos, e buscando conhecimento como forma de superar seus limites. Hoje ela tem seu papel de grande importância na sociedade, direito de cumprir sua cidadania, sonhos a serem realizados, viajar, sempre com o objetivo de desmitificar a ideia imposta pela sociedade da idosa impossibilitada de realizar qualquer atividade ou até mesmo acamada em algum asilo, os mitos enraizados sobre os sujeitos da terceira idade vem sendo a cada dia reinventado, raramente vemos idosos estagnados, sem vontade de viver, acomodados, por outro lado, os “jovens senhores” de hoje estão mais à frente da juventude atual em questão principalmente relacionada a saúde, como veremos no casa da dona Darcy.

Darcy sempre viveu de forma mais espontânea, não se importando com a opinião da sociedade, das regras de etiqueta, se casou, teve filhos, mesmo com a chegada da terceira idade não se deixou abalar, menos pela partida de entes queridos que a vida levou com o passar dos anos o qual em momentos de solidão a saudade aperta, a vontade de voltar ao passado no tempo que viviam faz arder novamente em seu coração. Mesmo assim, segue vaidosa como ela relata:

“Me vi tranquila, sempre regateira, sempre gostei de pintar meu cabelo..., sempre pinteí meu cabelo de vermelho, sempre gostei de modificar roupa..., short curto” (Darcy. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio – MS)

E de ir aos bailes como afirmou:

“Dançava baile a noite inteira, tomei 50 anos fiquei louca, ia pra porta de bar tomar cerveja e whisky, dançar no baile, tocar violão..., na roda de homem..., gosto de estar no meio de homem, ainda mais se tiver violão” (Darcy. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio - MS)

Assim aos 81 anos e com muita bagagem, ainda que a saúde um pouco fragilizada não se deixasse abalar, durante a entrevista contou toda sua trajetória de vida detalhe por detalhe, e na parte enunciada na velhice de como ela lhe entendia, é percebido alegria mesmo nos momentos mais difíceis, vontade de viver o que o casamento talvez por vontade do marido não foi possível, ou a infância com os pais rígidos não lhe foi favorável a abertura de passos largos, ainda que o segundo marido faleceu, isso não a impediu de desfrutar de viver outro relacionamento, embora esse não se prolongou ela continuou a alcançar voos altos, e o seu maior sonho seria ter uma moto para que pudesse ir aos lugares sem depender de ninguém, ama ir ao centro de convivência dos idosos fazer os crochês sempre que tem uma hora vaga, e chama-la de dona é uma ofensa:

“Eu não gosto que me chame de dona. Darcy, eu quero que você vai apresentar tal coisa lá na prefeitura, que horas que me pega pode ficar tranquilo que não passa vergonha...” (Darcy. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio - MS)

Com a disposição para ir aonde for preciso, “com ela não tem tempo ruim” como ela costuma dizer, dona Darcy e muitas outras mulheres depois dos 60 anos é exemplo de disposição e força de vontade de viver e pôr abaixo a todas as questões sociais impostas sobre elas, levando a questão da saúde muito a sério, tenho visto muito mais idosos praticando exercícios para a melhora da auto estima e principalmente do bem estar e saúde física, disciplinando sua alimentação, pois ao adentrar certa idade começa a surgir algumas doenças se não tratadas, mais a frente pode gerar grandes riscos, levando até a morte precoce. Sempre dispostas a exercer seus direitos, hoje sendo a maioria sentem orgulho quando são convocadas, principalmente quando se tem caminhada, congressos, é com satisfação que se propõem a participar e contribuir com suas experiências e conhecimentos, enriquecendo ainda mais o lugar por onde passam.

Infância e família

A infância é uma fase crucial na vida de qualquer pessoa, onde os primeiros anos são moldados pelas experiências e ensinamentos recebidos no seio familiar. A família, com seus valores, tradições e afetos, desempenha um papel fundamental na construção da identidade e no desenvolvimento emocional de seus membros. É nesse ambiente, rodeado por figuras familiares e momentos marcantes, que se forma a base de quem nos tornamos. Neste contexto, explorar as memórias e influências da infância e da família nos permite compreender melhor as raízes e os caminhos que moldaram nossas trajetórias.

Cada lembrança dessas idosas por mais difíceis que seja tornaram quem elas são hoje, dando lugar a lembranças de alegria, arrependimentos, saudade, enfim, moldando o caráter e de como se relacionam no meio social. Como a maioria delas veio de lares concentrados na zona rural a educação basicamente era dentro de casa, pois o transporte para se deslocar as escolas era muito difícil, esse sendo um dos motivos, outro fator de relevância era também por serem vários irmãos os pais colocavam os mais velhos para trabalhar, assim, ajudando no sustento dentro de casa, com isso o interesse nos estudos era prejudicado, com sorte algumas exceções que a família era de boas condições e os filhos conseguiam estudar, e até se formar no curso superior, como no caso da dona Darcy a qual afirma ser professora formada e os irmãos também possuem graduação:

“Eu sou professora..., a minha irmã Alair era advogada, a Elo também é formada” (Darcy. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio - MS)

Mesmo tendo uma boa vida, o que não impediu que sofrimentos viessem à tona, como o casamento que foi obrigada pelo pai aos 13 anos de idade:

“Tive uma vida bastante sofrida..., meu primeiro casamento foi muito sofrimentos, foi tudo o que você pensar de ruim, quando fiz 18 anos eu abandonei meu casamento, meus pais fizeram eu me casar com 13 pra 14 anos” (Darcy. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 16/06/2024, Anastácio - MS)

Ela gostava muito de ir ao galpão da fazenda tocar violão, e havia vários peões de seu pai, o qual com receio, a obrigou se casar, mas ela relata que só foi entender o medo do pai muitos anos depois, e com 18 anos se separou pois não aguentava mais aquela vida de sofrimento, teve outros casamentos depois, foi viúva, no outro casamento se separou, pois, as ideias não combinavam. Mesmo a sua trajetória sendo marcada por diversos acontecimentos,

não a impediu de viver seus sonhos, de ir em busca de liberdade e alegria, hoje mesmo estando com a saúde fragilizada lembra com muita saudade das pessoas que fizeram parte de sua vida, mas não se entrega porque ama viver um dia após o outro, é perceptível como a sociedade vê a mulher como objeto frágil, que para fugir de uma vida de vergonha, é imposta um casamento sobre uma criança, sendo obrigada a amadurecer desde muito cedo, adentrar uma vida totalmente nova sem nenhum aprendizado. Esse cuidado excessivo sobre a mulher desperta fragilidade e emoções as quais se sentem sufocadas e obrigadas a viver uma vida a qual não escolheram, impossibilitadas de viverem seus próprios sonhos.

Com a dona Cleonice não foi diferente desde o início teve uma infância muito difícil, sempre obrigada a trabalhar desde muito pequena, foi criada na casa dos pais até os 6 anos, mas como eram vários irmãos não tinham condições de continuar cuidando de todos, quando chegava um parente entregava os a quem pudesse cuidar, em troca eram feitos de escravo na casa, se não obedecessem, apanhavam como ela relata:

“Fui criada sem pai e sem mãe, fui criada com minha mãe até 6 anos..., tinha 8 filhos aí o marido dela largou ela, aí chegava um parente e dizia deixa esse ficar comigo tantos dias..., não tive uma infância, foi só sofrimento..., chegava na casa de parente fazia a gente de escravo, lavar louça, naquela época, fazer fogo de lenha...” (Cleonice. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 15/05/2024, Anastácio - MS)

E depois que se casou afirma ter sido mais sofrimentos:

“Casei aí só pra sofrer, só sofrimento na vida..., eu pensando que arrumando marido ia ser melhor ficou pior sabe..., ele bebia muito, jogava muito, tudo que ele pegava era pra bebida pra jogo” (Cleonice. Entrevista concedida a Gláucia Vilhalva, 15/05/2024, Anastácio – MS)

A vida sofrida que teve desde a infância, os maus tratos pelos próprios parentes, a falta de amor dos pais, ensinada a trabalhar desde muito jovem, impedida de viver a infância e a juventude como qualquer outra pessoa, procurou no casamento paz, cuidado, alegria, onde novamente se frustrou, porém permaneceu casada até mesmo por conta dos filhos, ou porventura para não ficar desamparada, mas quando seu falecido marido partiu no auge de sua velhice, todos os sentimentos vieram à tona, a falta de uma companhia, a solidão, era o que procurava no casamento o cuidado que não teve durante toda a infância e juventude, o que acontece com a maioria das mulheres, traumas passados, que ficaram alojados em suas lembranças, procurando uma forma de auto se descobrir, como pessoa, vivendo um dia após o outro, o passado traz à tona todos esses sentimentos, e a luta de cada uma dessas mulheres por um espaço na sociedade que temos conseguido conquistar, graças a outras que iniciaram essa batalha, transformando o presente e futuro das próximas gerações. Para dona Cleonice uma das

suas melhores lembranças que até lhe faz chorar ao contar, não é nem muito antiga ou triste, foi quando dois dos filhos lhe fizeram uma surpresa em seu último aniversário, e o outro veio no final do ano passar o Natal com ela, mostra que mesmo com toda sua história de vida permanece feliz em momentos de comunhão com a família e amigos, recriando suas próprias lembranças e transformando toda a tristeza em alegria.

Conclusão

A trajetória de vida das mulheres idosas entrevistadas neste estudo revela uma complexidade de experiências que desafiam os paradigmas tradicionais impostos pela sociedade. Essas mulheres, que desempenharam papéis fundamentais em suas famílias e comunidades, enfrentam na velhice desafios como solidão, depressão e a desvalorização social. No entanto, através das entrevistas realizadas, observamos um forte desejo de manter sua independência, relembrar suas histórias e encontrar novas formas de sociabilidade.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos (SCFVI) em Anastácio desempenha um papel crucial na melhoria da qualidade de vida dessas mulheres. O espaço oferecido por este serviço possibilita a construção de novas amizades e o desenvolvimento de habilidades que são essenciais para o bem-estar das participantes. Esses ambientes não apenas proporcionam momentos de alegria e companheirismo, mas também ajudam a combater sentimentos de inutilidade e isolamento que frequentemente acompanham a velhice.

A memória e as narrativas dessas mulheres servem como um alicerce para a construção de um presente mais inclusivo e respeitoso para os idosos. Como destacado por Ecléa Bosi, a memória é uma matriz de projetos, permitindo que as vozes dessas mulheres sejam ouvidas e reconhecidas. Essa valorização da memória é fundamental para que possamos entender o presente e planejar o futuro de maneira mais consciente e inclusiva.

Além disso, o estudo evidenciou a importância das redes de apoio social, tanto formais quanto informais, na vida das mulheres idosas. A participação em grupos de convivência e atividades comunitárias mostrou-se essencial para a manutenção da saúde mental e emocional dessas mulheres, proporcionando-lhes um senso de pertencimento e propósito. A interação social é um componente chave na promoção de um envelhecimento saudável e ativo.

No contexto das políticas públicas, é imperativo que haja um fortalecimento das iniciativas voltadas para a população idosa, com ênfase na promoção de espaços que incentivem a socialização e a valorização das experiências de vida dos idosos. Programas como o SCFVI devem ser expandidos e aprimorados para atender de forma mais abrangente e eficaz as necessidades dessa população.

A resiliência e a força dessas mulheres, que continuam a contribuir de maneira significativa para suas comunidades, mesmo diante dos desafios da velhice, são dignas de reconhecimento e respeito. Suas histórias de vida são testemunhos poderosos da capacidade humana de adaptação e superação. Ao celebrar essas narrativas, reafirmamos a importância de uma abordagem intergeracional que reconheça e valorize as contribuições de todas as faixas etárias.

Dessa forma, é essencial que a sociedade continue a combater o etarismo e a valorizar as contribuições dos idosos, reconhecendo que a velhice é uma fase rica em sabedoria e experiências. As histórias dessas mulheres idosas nos lembram da importância de promover um ambiente que respeite e dignifique todas as fases da vida, assegurando que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas.

Por fim, este estudo contribui para a ampliação do entendimento sobre o envelhecimento feminino, destacando a necessidade de políticas inclusivas e sensíveis às especificidades de gênero e idade. É fundamental que continuemos a explorar e documentar as experiências das mulheres idosas, garantindo que suas vozes e histórias não sejam apenas ouvidas, mas também integradas nas discussões sobre desenvolvimento social e humano. Somente assim poderemos construir uma sociedade verdadeiramente justa e inclusiva para todos.

Referências bibliográficas:

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida.** Edições Loyola, 1991.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Histórias de mais de 60 anos. Revista Estudos Feministas, v. 5, n. 1, p. 148-148, 1997.

SALGADO, Carmen Délia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento , v. 4, 2002.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres.** Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.